

---

# O que é a Europa?

## Que desafios tem? Para onde vai?

Ao viajarmos dentro da Europa, achamo-nos muito diferentes de alemães, ingleses ou nórdicos. Mas, ao sairmos, percebemos que nesta pequena península da massa euro-asiática que se chama Europa, há muito em comum que nos distingue do resto do mundo: a forma como vivemos, como trabalhamos e como nos relacionamos uns com os outros. Na Europa aprendemos a conviver com liberdade e pela diversidade. A Europa é um continente cultural e não geográfico. É a cultura que lhe confere a sua identidade comum.

Os primeiros passos do que hoje chamamos União Europeia foram dados em 1950, com o apelo do então Ministro dos Negócios Estrangeiros francês, Robert Schumann, para uma reconciliação franco-alemã. Foi partindo deste desafio, que tinha como claro e assumido objetivo, após séculos com muitas guerras e, em particular, as duas grandes guerras que assolaram a Europa durante o século XX, a criação das bases para uma paz duradora no território europeu.

A ideia de Schumann era muito clara: a construção da Europa não poderia ser feita de uma assentada nem poderia estar baseada num único plano. A Europa teria de ser construída a partir de realizações concretas tendentes à criação de uma solidariedade de facto.

Ao longos destes 73 anos, a Europa foi dando passos no sentido da integração em vários planos, de âmbitos mais particulares para âmbitos mais gerais, de 6 países no início até aos 27 estados-membros hoje existentes.

Mas este crescimento trouxe novos problemas: hoje a União Europeia está a

ser posta à prova por muitos desafios internos e externos.

Antes de mais, o desafio da paz, posto em causa com o eclodir da guerra na Ucrânia, chocante pela surpresa, por termos pensado que já não seria possível acontecer novamente: tomamos a paz na Europa como um dado adquirido.

Por outro lado, a saída do Reino Unido, em 2017, evidenciou divisões e visões diferentes daquilo que é o projeto europeu, principalmente nos seus estados-membros mais antigos.

Temas como o Estado Social, a Natalidade, a Emigração, a Segurança, questões Éticas, a Sustentabilidade, a Transição Energética, e mais recentemente uma grande preocupação com o tema da Defesa, são hoje problemas que precisam de ser enfrentados com coragem e diálogo.

A Europa, que parece querer esquecer a sua raiz e tradição judaico-cristã, está hoje muito polarizada - tal como todo o mundo ocidental - e o ruído criado em torno desta realidade, tem impedido que sejam feitos debates sérios, realistas e consequentes

sobre temas que mais cedo ou mais tarde terão de ser enfrentados.

O filósofo Rémi Brague, numa reflexão sobre estes temas, defende que a Europa intelectual de hoje se menorizou, ao deixar de acreditar que pode aprender com outros países, mas também por se ter convencido que nada tem a ensinar ao resto do mundo.

Teremos nós perdido a tensão ideal dos fundadores da Europa?

Será que nos esquecemos do que a Europa é?

De facto, a Europa parece hoje não querer pensar e procurar a sua verdadeira identidade, refugiando-se e desgastando-se na tentativa de satisfazer os seus desejos de bem-estar e conforto, esquecendo-se que uma colaboração realmente construtiva, exige um fator que transcende o homem.

O projeto da integração Europeia teve como objetivo a criação de uma união que partisse da individualidade dos países, dos povos e da liberdade de cada um.

Uma união e não uma federação.

De facto, a Europa tinha como ideal ser um espaço de dignidade humana, progresso económico e paz que foi ao longo dos séculos um farol para o mundo. Uma Europa que defendia a liberdade e as iniciativas pessoais, marcando os limites da intervenção dos Estados.

Para resgatar a Europa desta redução, é preciso regressar às origens e recuperar um princípio que faz parte da tradição europeia, estando inclusivamente inscrita

em Tratados europeus, e que visa harmonizar as relações entre os indivíduos e as sociedades: o princípio da *subsidiariedade*, segundo o qual uma autoridade de ordem superior não deve interferir na vida interna duma sociedade de ordem inferior, privando-a das suas competências, mas deve antes apoiá-la, em caso de necessidade, e ajudá-la a coordenar a sua ação com a dos demais componentes sociais, com vista ao bem comum. Isto é, confiar a cada um as funções que ele é capaz de exercer, segundo as capacidades da sua própria natureza.

Por outro lado, Europa tem de recuperar outro pilar fundamental da sua constituição que é o princípio do bem comum, isto é, de acordo com a definição constante do catecismo da Igreja católica, o conjunto das condições sociais que permitem aos cidadãos atingir a plenitude das suas potencialidades, dentro do respeito pelos direitos fundamentais e inalienáveis da pessoa humana, do bem-estar social e o desenvolvimento da própria sociedade, e da garantia da paz e da segurança.

Para saber para onde vai, a Europa tem de perceber quem é, que identidade tem.

O Papa Francisco, em 2023, numa mensagem no Parlamento Europeu, ajuda-nos nesse exercício, perguntando: “Qual era o ideal (europeu), a não ser aquele de criar um espaço onde as pessoas pudessem viver em liberdade, justiça e paz, respeitando-se mutuamente na diversidade?”

■ **Maio 2024**